

Irresponsabilidade

JAYME MAURÍCIO

Em nossas andanças por São Paulo, em busca de valores novos e outras, num trabalho estritamente profissional, buscamos o atelier da pintora Maria Célia Calmon, cujos trabalhos havíamos visto, em fases diversas, na galeria das Fôlhas e na Sistina. Uma senhora encantadora, educada, inteligente e com prosa fluente. Vimos algumas telas promissoras, melhor realizadas que as anteriores. Conversamos. Pedimos fotos e dados para auxiliar a pintora e informar os leitores. Manifestou vontade de expôr no Rio, pedindo-nos indicações. Falamos das salas conhecidas e indicamos a OCA como a mais provável, pelas facilidades e boa vontade de seus proprietários. No Rio, falamos com os mesmos a respeito. Estava aberto o caminho. Publicamos Maria Célia em retrato e informações com a devida discriminação. E à sua atual mostra na OCA o Itinerário prestou a colaboração generosa devida a um lançamento de um nôvo, pois que no Rio nunca havia exposto. Num rápido encontro na Petite Galerie, Maria Célia fez declarações sobre o júri da VI Bienal, que a havia cortado integralmente, dizendo que pessoalmente todos eles dizem, depois, gostar da sua pintura. "Afinal de contas, alguém não terá gostado", disse com muito bom humor. E acrescentou: "É aquela história de pertencer à Sistina...". Aproveitamos o tema, que é atualíssimo, para promover a mostra da pintora, sem faltar à verdade. A senhora, porém, não gostou de ver suas declarações em letra de fôrma, nem compreendeu a técnica usada para despertar maior interesse em tôrno da suas personalidade e pintura e na galeria onde a havíamos introduzido e num ímpeto de elegante mau-humor, batizou-nos de "irresponsável". Talvez tenhamos sido, mas não no caso das declarações publicadas.